



14º Seminário Nacional Sociologia & Política

Saberes em Confluência

GT 10 - Neoliberalismo, Controle Social e Violências Institucionais

A ação da Atlas Network na difusão do ideário neoliberal no Brasil

Rafael Schmitz¹

INTRODUÇÃO

Nas últimas duas décadas, viu-se um crescimento expressivo no número de institutos e grupos de pesquisa voltados à avaliação e discussão de políticas de Estado agindo com vistas a influenciar o debate político nacional. Os chamados think tanks adentram a mídia, academia e o Estado para a criação de consenso em torno de suas propostas políticas. Uma porção expressiva dos think tanks ativos no Brasil se alinham ao neoliberalismo, se apoiando em correntes de pensamento como a escola austríaca de economia e a escola de Chicago para tecer críticas às políticas de Estado no Brasil. Majoritariamente, estas críticas se apoiam em uma dicotomia ideológica, muito cara ao pensamento neoliberal, que opõe Estado e mercado, na qual esse primeiro seria uma instituição altamente burocrática e ineficaz, e que deve ter seu

¹ Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Estadual de Londrina (PPGSOC-UEL) e pesquisador do Grupo de Estudos de Política da América Latina (GEPAL). Bolsista pela Fundação Araucária.

papel social reduzido em nome de uma maior liberdade deste segundo, o qual, por meio de leis naturais de auto-regulação, garantiria a estabilidade econômica e harmonia social.

Uma análise atenta destes think tanks no Brasil revela um ponto em comum: muitos destes que adotam uma linha neoliberal possuem ligações com a Atlas Network, uma rede transnacional de think tanks, originária dos Estados Unidos, cujo auto-proclamado objetivo é a garantia por lei das liberdades individuais, direitos de propriedade, limitação dos poderes governamentais e da liberdade de mercado (ATLAS NETWORK, [ca 2026]). Ofertando financiamento para projetos, orientação, cursos e auxiliando na divulgação de novos grupos e institutos, a Atlas articula uma rede de think tanks ao redor do globo, espalhando sua influência por meios nem sempre claros.

Como buscaremos demonstrar ao longo do presente trabalho, identificamos duas ondas de crescimento dos think tanks neoliberais ligados à Atlas no Brasil na história recente. Primeiramente, entre as décadas de 1980 e 1990, com os primeiros institutos voltados à difusão da doutrina liberal no país, os quais também se empenharam na formação de consenso a favor do processo de abertura econômica dos governos de Fernando Collor de Melo e Fernando Henrique Cardoso. A segunda onda se dá no contexto da crise de imagem do Partido dos Trabalhadores (PT), durante a qual os think tanks neoliberais do Brasil agiram ativamente por meio das redes para atacar os governos Lula e Dilma, culminando com a formação do Movimento Brasil Livre em 2014, apoiado indiretamente pela Atlas, grupo que organizou diferentes protestos de rua a favor do impeachment da então presidente Dilma Rousseff em 2016.

O presente trabalho é fruto de uma pesquisa mais ampla, que se encontra em andamento. Nós nos apoiamos na teoria política de Nicos Poulantzas, especialmente nas contribuições presentes nas obras *Poder Político e Classes Sociais* (1977) e *As Classes Sociais no Capitalismo de Hoje* (1975); assim como nas análises de Boito Jr. (2018, 2020) sobre os governos do PT e sobre a conjuntura política ao redor do golpe de 2016.

Se atentando aos conflitos e disputas no seio da burguesia, Poulantzas (1977) defende que esta classe não deve ser concebida como um bloco homogêneo sem fissuras, mas sim, como dividida em diversas frações, de acordo com seus interesses próprios, os quais produzem efeitos pertinentes no nível político de uma dada formação social. Poulantzas aponta diferentes sistemas de fracionamento da classe burguesa, que variam de acordo com os fatores observados pelo cientista político, que podem ser a composição do capital representado por cada fração (financeiro, bancário, industrial etc.) ou a relação de cada fração com o imperialismo. Nos debruçaremos sobre esta última, a partir da qual Poulantzas identifica três frações burguesas

principais que podem ser identificadas em formações sociais periféricas no interior de uma corrente imperialista:² a burguesia nacional, que possui base de acumulação própria no interior desta formação nacional e se opõe diretamente ao adentramento do capital internacional nessa formação, podendo até mesmo se aliar à luta das classes trabalhadoras num contexto revolucionário a partir desta oposição; a burguesia interna, que depende parcialmente do capital externo para o fornecimento de tecnologia e/ou insumos por exemplo, mas que demanda ao Estado uma proteção contra a entrada irrestrita deste capital na economia nacional, o que reduziria seus ganhos; e por fim, há a burguesia compradora ou associada,³ a qual age como mera extensão dos interesses do capital externo no interior de uma dada periferia imperialista (BOITO Jr., 2018).

Estas frações então se organizam no interior daquilo que Poulantzas define como bloco no poder. O conceito descreve uma hierarquia, relativamente estável, na qual se organiza o poder das frações burguesas através do Estado capitalista. O bloco no poder possui uma fração hegemônica, a qual tem então seus interesses políticos e econômicos priorizados pelo Estado, este que possui uma autonomia relativa para organizar o bloco no poder e lhe garantir certa estabilidade (POULANTZAS, 1977). No contexto político brasileiro, Boito Jr. identifica que, a partir do período de redemocratização, a hegemonia no interior do bloco no poder foi disputada entre duas frações: a burguesia associada ao capital externo exerceu hegemonia durante os governos Collor e FHC nos anos 1990, de forma que o projeto neoliberal de abertura econômica destes governos atendeu diretamente aos interesses do capital externo. A chegada de Luiz Inácio Lula da Silva à presidência em 2003 marca uma mudança no bloco do poder nacional, uma vez que a política neodesenvolvimentista aplicada no período representou a hegemonia da burguesia associada. Com a crise do PT e o golpe que derruba a presidente Dilma da presidência em 2016, a hegemonia no interior do bloco no poder é reconquistada pela burguesia associada, de forma que a linha política neoliberal ortodoxa é retomada com os governos de Michel Temer e Jair Bolsonaro.

A partir de um levantamento dos principais think tanks nacionais ligados à Atlas Network no Brasil, apontaremos como estes agiram ao longo destas disputas de hegemonia a

² Pontuamos que, quando Poulantzas trata das frações de classes sociais, ele está apresentando possibilidades de fracionamento, que podem ou não se apresentar numa dada formação social. Como reforçam Saes e Farias (2021): “Deve-se fazer um uso dinâmico do conceito de frações da classe dominante. No fundo, o que ocorre são sucessivas constituição, dissolução, reemergência de frações, porque as possibilidades são múltiplas” (p. 20).

³ Por motivos de simplificação, empregaremos apenas o termo “burguesia associada” para descrever essa fração no presente trabalho.

favor do neoliberalismo e dos interesses do capital externo. Defendemos que a ação da Atlas no país promove a reprodução do imperialismo⁴ norte-americano no nível político e ideológico nacional, presente nas diversas ações de difusão do neoliberalismo no ideário político nacional praticadas por estes think tanks ao longo dos anos.

DESENVOLVIMENTO

Fundada no ano de 1981 por Anthony Fisher, a Atlas Economic Research Foundation, atual Atlas Network, surge com o intuito de expandir o modelo de think tank neoliberal mundialmente, mobilizando recursos e ofertando treinamento para pesquisadores e intelectuais dispostos a criarem institutos e grupos que influenciassem o debate público em favor da desestatização de empresas e serviços e do livre mercado. Após entrar em contato com a obra de Friedrich Hayek, um dos pensadores mais influentes da Sociedade de Mont Pèlerin,⁵ Fisher decide se dedicar à tarefa de divulgar a causa neoliberal em larga escala. Embora originalmente tenha considerado entrar para a política, Fisher foi aconselhado por Hayek a se dedicar ao campo das ideias. O convencimento de intelectuais, acadêmicos e jornalistas para a formação de consenso acerca da necessidade de se garantir a liberdade econômica foi uma das preocupações de Hayek, que considerava estes indivíduos como “revendedores de segunda mão” no campo das ideias, tendo então importante papel no discurso político (HAYEK, 2017). A partir deste conselho, Fisher funda o Institute of Economic Affairs (IEA) em 1955, instituto independente de análises econômicas que é considerado um dos primeiros think tanks modernos. A partir da publicação periódica de artigos de análise microeconômica, o IEA teve uma influência considerável entre os economistas britânicos, o que permitiu a difusão da sua crítica à interferência estatal na economia. A partir da década de 1980, o IEA passa a agir diretamente na política econômica do Partido Conservador Britânico durante o governo de Margareth Thatcher (MULLER, 1996).

⁴ Poulantzas (1975) aponta que o estágio imperialista do capitalismo compreende a relação de dominação política entre uma metrópole imperialista e as formações sociais periféricas subordinadas a ela, no interior das quais a metrópole promove a reprodução do modo de produção capitalista sob condições econômicas, políticas e ideológicas determinadas, buscando criar condições favoráveis ao adentramento do capital externo nestas formações.

⁵ Considerado o berço do neoliberalismo, a Sociedade de Mont Pèlerin é fundada em 1947, reunindo economistas, intelectuais e filósofos como Friedrich Hayek, Michael Polanyi, Karl Popper, Ludwig Von Mises e Milton Friedman. Seu intuito era combater o keynesianismo e demais projetos de desenvolvimento econômico que dependessem da intervenção e do planejamento econômico do Estado, o que os seus membros viam como uma ameaça às liberdades individuais e de propriedade. Seu modo de influência política por meio da produção intelectual serviu de base para os think tanks modernos (CÓRREA, 2021).

Com a bagagem adquirida com seus anos à frente do IEA, Fisher funda a Atlas com o intuito de expandir o modelo a nível global. Desde a sua fundação, a Atlas age como facilitadora para a formação de think tanks ao redor do globo, ofertando cursos de treinamento, premiações, colóquios e demais eventos que permitam o *networking* entre jovens pesquisadores interessados na promoção de políticas neoliberais e filantropos dispostos a financiar suas atividades (Araldi, 2021).

A primeira aproximação entre a Atlas e o Brasil ocorre entre as décadas de 1970 e 1980, quando Hayek faz visitas ao Brasil, patrocinadas por Henry Maksoud, buscando se aproximar do empresariado do país (VIDAL, BRUM, 2022). Durante estas viagens, Fisher foi escolhido por Hayek como seu interlocutor, aconselhando acadêmicos e intelectuais interessados em fundarem think tanks e os aproximando de empresários dispostos a financiar estes projetos. A partir deste contato, surge o primeiro think tank liberal do país: o Instituto Liberal do Rio de Janeiro (IL-RJ).

Fundado em 1983 por Donald Stewart Jr., diretor presidente da Ecisa Engenharia, o IL-RJ inicialmente concentrou empresários como Winston Ling, Henry Maksoud, Roberto Konden Bornhausen e Jorge Gerdau Johannpeter⁶. Deve-se destacar também um grupo de jovens economistas formados na Universidade de Chicago: Og Francisco Leme, Antônio Porto Gonçalves e José Luiz Carvalho. A formação acadêmica no interior da chamada Escola de Chicago permitiu que estes atuassem como um importante ponto de contato entre o IL-RJ e a academia (VIDAL, BRUM, 2022). Durante os anos iniciais do IL-RJ, sob a direção de Stewart Jr., o Instituto se dedicou à tradução e divulgação de obras clássicas do liberalismo e de economia austríaca, publicando algumas das primeiras traduções em português de obras de Hayek, Ludwig Von Mises, Frédéric Bastiat, Ayn Rand e outros (INSTITUTO LIBERAL, 2023). O contato prévio de Stewart Jr. com as atividades desenvolvidas pela Sociedade de Mont Pèlerin e pelo IEA foram de grande importância para dar um norte às ações do IL-RJ (VIDAL, LOPEZ, 2022). A partir de 1986, o IL-RJ expandiu suas atividades, criando diferentes ramificações em São Paulo, Porto Alegre, Curitiba, Belo Horizonte, Brasília, Salvador e Recife.⁷

⁶ Ligados às empresas Olvebra, revista Visão, Unibanco e Grupo Gerdau respectivamente (VIDAL, BRUM, 2022).

⁷ Com a eleição de Fernando Henrique Cardoso à presidência em 1994 e a subsequente abertura da economia nacional ao capital estrangeiro, houve uma diminuição das doações destinadas ao IL, motivada por um consenso de que a economia nacional estaria em um bom caminho e que o IL havia cumprido seu papel. Dessa forma, a maioria das ramificações foram fechadas no período. Atualmente, o Instituto Liberal compreende uma fusão das

A partir da década de 1990, o IL-RJ passa a se dedicar mais ao debate político, defendendo a reconfiguração do papel do Estado em oposição ao desenvolvimentismo que guiou a política do Estado brasileiro nas décadas anteriores. Em 1991, publica a primeira edição da “Série Notas: avaliação de projetos de lei”, a qual, como o próprio nome denuncia, analisa e avalia projetos de lei, se apoiando sempre na crítica a qualquer tipo de intervenção do Estado na economia. Cada edição foi lançada com uma tiragem de cinco mil exemplares que eram distribuídos gratuitamente para autoridades governamentais, membros de associações de classe e entidades da imprensa (GROS, 2004).⁸ A Série Notas se vinculava ao Programa de Assessoria Legislativa para a América Latina, desenvolvido pelo Center for International Private Enterprise (CIPE), entidade americana vinculada ao National Endowment for Democracy (NED).⁹ O programa articulou diferentes entidades ao redor da América Latina para a promoção de reformas liberalizantes (CASIMIRO, 2016).

Outra publicação similar lançada no mesmo ano é a série Políticas Alternativas, na qual o IL convida um especialista sobre um dado tema de interesse público, apresentado um estado da arte sobre o mesmo e propondo medidas liberalizantes para remediar os problemas ligados a este tema no contexto nacional. Foram publicadas treze edições desta série entre 1991 e 1997, tratando de assuntos como educação, previdência social, petróleo, saúde e orçamento fiscal. Dentre os financiadores destas edições, figuram entidades internacionais como a Atlas, CIPE e Tinkers Foundation (GROS, 2004).

No ano de 1997, o Instituto Liberal de São Paulo (IL-SP) lança a primeira edição da Revista Banco de Ideias.¹⁰ A iniciativa surge como uma forma de expandir o formato da Série Notas¹¹ à um público mais amplo, adotando um formato e linguagem mais acessíveis ao grande público, além de permitir a veiculação de seus exemplares por todo o país. As edições eram compostas por diferentes artigos de opinião e análises da política interna e externa brasileira. A revista também publicava cartas de enviadas pelos seus leitores, muitos destes filiados ao IL.

antigas sedes do IL no Rio de Janeiro e em São Paulo, e o antigo IL do Rio Grande do Sul foi rebatizado como Instituto Liberdade (VIDAL, BRUM, 2022).

⁸ A Série Notas seguiu sendo publicada até entrar em hiato em 2013, sendo retomada em 2022 sob o nome de “Revista Notas”. A série, atualmente em sua 134ª edição, pode ser encontrada em: <https://www.institutoliberal.org.br/revista-notas/> (acesso em: 07 abril 2026).

⁹ O NED foi fundado em 1983 durante o governo de Ronald Reagan nos Estados Unidos. Sustentada com recursos do Estado americano, a entidade se constituiu como um dos principais canais de ação e intervenção dos EUA no exterior (CASIMIRO, 2016).

¹⁰ Originalmente “Revista Think Tank”, o periódico foi rebatizado em 2003, buscando um título mais acessível ao público brasileiro.

¹¹ As edições da Série Notas publicadas entre 1997 e 2013 foram incluídas nas edições da revista.

Destacam-se diversos artigos de autoria de Og Leme, um dos fundadores do IL-RJ, e um artigo de Fernando Henrique Cardoso na primeira edição da revista, na qual o então presidente aponta suas perspectivas sobre a política brasileira para a virada do século, criticando o modelo de substituição de importações e defendendo a necessidade de uma integração efetiva do Brasil à economia mundial (CARDOSO, 1997). A Revista, de periodicidade trimestral, teve 62 edições publicadas entre os anos de 1997 e 2013.¹²

Fundado um ano depois do IL-RJ, em 1984, o Instituto de Estudos Empresariais (IEE) surge a partir da mesma articulação de Hayek e Fisher com a burguesia brasileira no início da década de 1980. Fundado por um grupo de trinta jovens empresários rio-grandenses sob a liderança de William Ling, o intuito original do IEE era a capacitação de líderes para a chefia das empresas dos membros do Instituto. Como expõe Casimiro (2016), a associação ao IEE é restrita à jovens empresários que já estão à frente ou na linha de sucessão de alguma empresa. Assim, este Instituto foca na oferta de treinamento de quadros de intelectuais que agirão na política em defesa dos interesses das empresas envolvidas com o Instituto. Dentre os financiadores iniciais do IEE, figuram a Gerdau, Localiza, Ipiranga, Banco Itaú, Grupo Évora, Tam e outros (GROS, 2003).

Desde a fundação do IEE, houve uma colaboração clara deste com o IL-RJ, na medida em que este segundo enviou exemplares das obras traduzidas e publicadas pelo IL para os membros do instituto rio-grandense. Essa cooperação também resultou na fundação da sede do IL no Rio Grande do Sul (IL-RS),¹³ fundado pelo empresário Jorge Gerdau Johannpeter, a qual compartilhou inicialmente a mesma sede com o IEE em Porto Alegre. As duas entidades compartilharam diversos membros em comum, além de promoverem uma série de eventos em parceria (VIDAL, BRUM, 2022).

Em 1988, o IEE realiza a primeira edição do Fórum da Liberdade (FL), evento anual sediado no campus da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). O Fórum é apresentado como um espaço aberto e plural de debates que visa propor soluções para os principais problemas do Brasil e da América Latina (FÓRUM DA LIBERDADE, 202-). Entretanto, como apontam Vidal, Lopez e Brum (2020), os painéis expostos nas diversas edições do FL e o perfil político-ideológico dos palestrantes convidados demonstra um

¹² As edições digitalizadas dos periódicos do IL aqui citados e de outros podem ser encontradas no acervo online do Instituto Liberal, Disponível em: <https://www.institutoliberal.org.br/acervo-historico/>, acesso em 08 abril 2026. Destacamos que há edições faltantes da Série Notas no acervo.

¹³ Ver nota nº 4.

favorecimento claro àqueles alinhados ao neoliberalismo. Dentre os palestrantes mais recorrentes no FL, encontram-se os empresários Jorge Gerdau Johannpeter e Henry Maksoud, os economistas liberais Paulo Rabello de Castro e Paulo Guedes, o autointitulado filósofo Olavo de Carvalho e o colunista Rodrigo Constantino (VIDAL, LOPEZ, BRUM, 2020). O FL também tem servido como plataforma para a promoção política. Figuras como Fernando Henrique Cardoso, Aécio Neves, João Amoedo e João Dória dispuseram de espaços de destaque no FL durante suas respectivas campanhas políticas (VIDAL, LOPEZ, BRUM, 2020).

Paulatinamente, o FL foi ganhando destaque nacional e internacional, se consolidando como o principal espaço de encontro e debate entre os think tanks neoliberais do Brasil. O Fórum também expande seu alcance a nível internacional nos anos 2000, sendo nominado pela Atlas ao Templeton's Freedom Award em 2007, o maior prêmio oferecido pela rede, e sendo patrocinado por esta a partir de 2014 (VIDAL, LOPEZ, BRUM, 2020). Essa projeção internacional advinda com o apoio da Atlas permitiu ao FL convidar palestrantes estrangeiros, majoritariamente americanos, em suas edições subsequentes.

Seguindo os moldes da rede, o IEE também oferece premiações durante as edições do FL para incentivar e destacar ações desenvolvidas por seus parceiros. O Prêmio Libertas, lançado em 1997, é entregue à associados do IEE e empreendedores que se destacaram no trabalho de valoração da economia de mercado e de respeito ao estado democrático de direito, enquanto o Prêmio Liberdade de Imprensa, lançado dez anos depois, homenageia indivíduos empenhados na defesa da liberdade de imprensa e no desenvolvimento do pensamento crítico (INSTITUTO DE ESTUDOS EMPRESARIAIS, 2013).

Estas ações realizadas pelo IL-RJ e pelo IEE foram cruciais para a formação de consenso em favor da abertura comercial e liberalização da economia que ocorre na década de 1990. Analisando as mudanças na constituição de 1988 implementadas por Collor e seu vice Itamar Franco, Saad Filho e Moraes (2018) apontam:

O artigo 171 foi revogado, eliminando a distinção entre empresas brasileiras e estrangeiras. O item IX do artigo 170 foi modificado, permitindo que empresas estrangeiras explorassem o subsolo. O artigo 178 foi alterado para eliminar o monopólio estatal de transporte em rotas costeiras. O inciso IX do artigo 21 foi alterado para abolir o monopólio estatal das telecomunicações. O parágrafo 1º do artigo 177 foi reescrito para relaxar o monopólio estatal da exploração de petróleo, e o artigo 192, modificado para reduzir o controle estatal da seguridade social. As reformas constitucionais também levaram adiante o programa de privatização introduzido pela ditadura em reação à crise internacional da dívida e abriram espaço para a “flexibilização” do mercado de trabalho. (SAAD FILHO; MORAIS, 2018, p. 102).

Posteriormente, com os governos do Partido dos Trabalhadores (PT) nos anos 2000, a marcha da agenda neoliberal começa a desacelerar. Boito Jr. (2018) define o projeto político-econômico dos governos PT como “neodesenvolvimentismo”. Embora não seja o desenvolvimentismo observado até meados do regime militar, com forte intervenção do Estado para o desenvolvimento industrial, houve uma ação substancial durante os governos de Lula e Dilma que trouxe certos ganhos às classes populares, as quais formavam a base de apoio destes governos:

A política econômica, externa e social do neodesenvolvimentismo expressava essa hegemonia - sem revogar o modelo econômico capitalista neoliberal, a política neodesenvolvimentista era distinta daquela defendida pelo capital internacional. Isso tudo contrasta com o bloco no poder do período FHC, no qual foi exatamente o capital internacional e a fração da burguesia brasileira a ele integrada “que exerceram a hegemonia e graças à aplicação da plataforma política do neoliberalismo. (BOITO Jr., 2018, p.11).

Assim, o “neoliberalismo ortodoxo”, que esteve em marcha durante os anos 1990 foi restrito, em certa medida, embora acenos ao capital internacional e ao capital financeiro nacional tenham sido feitos. O novo desenvolvimentismo dos governos do PT reproduz então um padrão de especialização regressiva, na medida em que se concentra em setores industriais de baixa densidade tecnológica (agricultura, pecuária e exploração de recursos naturais). Houve também um crescimento das políticas de transferência de renda com a expansão dos benefícios da previdência social e de programas de assistência como o Bolsa Família, o que, aliado ao aumento real do salário-mínimo, garantiu ao governo uma sólida base eleitoral nos estados mais pobres (SAAD FILHO, MORAIS, 2018).

Com tais medidas impostas por um governo de esquerda, há o claro descontentamento da burguesia associada, o que reativa a necessidade de levantar a bandeira do neoliberalismo ortodoxo. Como dito anteriormente, a abertura econômica durante os anos 1990 freiou a expansão dos think tanks ligados à Atlas no Brasil, uma vez que houve o sentimento de que estes já haviam cumprido seu papel. Dessa forma, durante os governos de Lula e Dilma viu-se o surgimento de diversos think tanks que atuaram ativamente na crítica ao modelo neodesenvolvimentista destes governos. Dentre estes, figuram o Instituto Millenium (2005),

Instituto Mises Brasil (2009), Students For Liberty Brasil (2012),¹⁴ Instituto de Formação de Líderes (2012), Centro Mackenzie de Liberdade Econômica (2016) e outros.

Essa segunda onda dos think tanks liberais trouxe novos projetos voltados ao público acadêmico. A aproximação ao ensino superior é uma das estratégias comuns entre os think tanks ao redor do mundo, buscando angariar membros entre jovens graduandos e pesquisadores, garantindo um verniz de legitimidade e competência ao atrelar a imagem de um dado instituto à academia. Embora ações do tipo foram desenvolvidas pelos ILs e pelo IEE entre as décadas de 1980 e 1990, a inserção nas universidades públicas e privadas se torna um dos focos destes novos think tanks. Lançado pelo Instituto Ordem Livre (IOL) em parceria com o Students For Liberty Brasil (SFLB), o projeto itinerante “Liberdade na Estada” leva intelectuais liberais para universidades em todo o país, promovendo a realização de palestras e debates sobre tópicos relevantes para o debate político nacional (INSTITUTO ORDEM LIVRE, 2014). Se espelhando neste projeto, o Instituto Millenium (Imil) lança em 2011 o “Imil na Sala de Aula”, levando economistas e pesquisadores do Instituto para universidades com o intuito de ofertar aulas de economia e política. O objetivo destas aulas, segundo o Imil, é discutir valores como liberdades individuais, Estado de direito, economia de mercado e democracia (ARALDI, 2021).

O SFLB é o primeiro think tank nacional dedicado exclusivamente à difusão do ideário neoliberal entre jovens graduandos, tendo uma importância estratégica para a atuação da Atlas no Brasil. Além da realização de eventos, o SFLB oferta cursos de formação de líderes, aos moldes do IEE, e oferece bolsas e oportunidades de intercâmbio, financiadas pela Atlas. A atuação estratégica do SFLB permite alcançar jovens estudantes de graduação e treiná-los para que estes integrem outros think tanks ou atuem em cargos políticos. Segundo o ex-diretor executivo do SFLB Fernando Henrique Miranda:

O Programa de Coordenadores do Students For Liberty Brasil é o “arroz com feijão” da organização. Nosso modelo é bem simples: nós educamos, desenvolvemos e empoderamos jovens para serem líderes pela liberdade. Em meio aos estudantes universitários brasileiros, encontramos estudantes liberais, os “isentões” e os contrários às ideias da liberdade. Nós tentamos apresentar as ideias da liberdade aos contrários, educar os “isentões” e trazer os liberais para a nossa comunidade. (MIRANDA, *apud* BOLETIM DA LIBERDADE, 2017).

¹⁴ Originalmente, o Students For Liberty Brasil (SFLB) se chamava Estudantes Pela Liberdade. A mudança de nome se dá em 2018, quando a organização se filiou formalmente à matriz americana do Students For Liberty, ligada diretamente à Atlas (CRISTOFOLETTI, SERAFIM, 2022). Para evitar confusões, referenciaremos este think tank apenas como SFLB deste ponto em diante.

Embora cada um destes think tanks neoliberais tenham agido por meios ligeiramente diferentes, a crítica ao modelo neodesenvolvimentista dos governos PT foi um ponto em comum. Houve um crescimento considerável de sua presença nas redes, especialmente na publicação de periódicos e artigos de opinião nos seus sites e nas redes sociais, assim como por meio da promoção de cursos virtuais. Isso tudo ocorre concomitantemente à um aumento considerável dos repasses da Atlas aos institutos brasileiros entre os anos de 2010 e 2018,¹⁵ coincidindo como os dois governos de Dilma Rousseff. Entre seus dois mandatos presidenciais, instalou-se uma crise de representação, de forma que a fração da burguesia interna, que exerceu a hegemonia no bloco no poder durante os governos do PT, já não via Dilma como representante de seus interesses. O desgaste que leva à esta crise se deve em partes ao ajuste fiscal encaminhado pelo ministro da fazenda Joaquim Levy durante o segundo mandato da presidente, que levou à um igual descontentamento da base de apoio popular do governo (BOITO Jr., 2018).

O avanço dos protestos contra a presidente iniciados em 2014 foram rapidamente apoiados pelos think tanks. A principal ação neste sentido foi a criação do Movimento Brasil Livre (MBL), o qual agiu diretamente na organização e convocação de manifestações por meio das redes sociais, se tornando um dos principais agentes de difusão do antipetismo. Embora não seja diretamente ligado a Atlas, o MBL surge em 2013 no interior do SFLB, agindo como um braço informal do grupo no campo das pautas políticas. Uma vez que o grupo estudantil recebia recursos da Atlas, ele estava impossibilitado de participar em manifestações políticas pela lei fiscal dos Estados Unidos. Desta forma, a sigla MBL é criada por estudantes ligados ao SFLB como uma forma de permitir a participação organizada de seus membros nos protestos contra a presidente Dilma. Muitos dos membros originais do MBL passaram pelo SFLB, além de que Kim Kataguirí, figura central na consolidação do MBL e atual deputado federal, foi reconhecido em mais de uma ocasião em publicações da Atlas como um importante agente na defesa do liberalismo no Brasil (VIDAL, LOPEZ, BRUM, 2020; ARALDI, 2021).

Durante a longa onda de protestos, o MBL teve papel central entre os setores de direita que se posicionaram a favor do impeachment. O grupo atuou como importante movimento-apoio¹⁶ da fração burguesa ligada ao modelo capitalista neoliberal ortodoxo, que se beneficiaria

¹⁵ Consultar a tabela na p. 52, em Araldi (2021).

¹⁶ Machado (2018) define “movimentos-apoio” como movimentos sociais típicos dos setores conservadores e/ou reacionários das classes médias, os quais apoiam frações burguesas do bloco no poder mesmo que estes setores estejam fora do bloco.

das medidas de abertura dos mercados e flexibilização dos direitos trabalhistas. O grupo conquistou um apoio considerável da alta classe média, a qual se via descontente com as políticas afirmativas e ações de distribuição de renda dos governos Lula e Dilma, políticas estas que impactaram não apenas no modo de vida desta fração da classe média, mas também, em seu meio de reprodução social (OLIVEIRA, MACHADO, 2019). O discurso crítico ao governo de Dilma Rousseff reproduzido nas redes sociais e nos protestos mobilizados pelo MBL se apoia diretamente na extensa crítica aos governos do PT empreendida pelos think tanks ligados à Atlas, sempre amparados no ideário neoliberal de defesa do livre mercado. O painel “Liberdade de expressão #NasRuasPelaLiberdade” na edição de 2015 do FL, contando com a presença de Kim Kataguiiri entre os panelistas, demonstra o apoio dos think tanks aos protestos.¹⁷ Também houve acenos diretos da Atlas¹⁸ e do ex-diretor da rede Alejandro Chaufen celebrando o impeachment:

Surgiu uma abertura – uma crise – e uma demanda por mudanças, e nós tínhamos pessoas treinadas para pressionar por certas políticas [...]. Estive nas manifestações no Brasil e pensei: ‘Nossa, aquele cara (Kim Kataguiiri) tinha uns 17 anos quando o conheci, e agora está ali no trio elétrico liderando o protesto. Incrível! (CHAUFEN, *apud* FANG, 2017, não p.).

Com o golpe que derruba a presidente Dilma de seu cargo em 2016, há uma mudança no bloco no poder, de forma que a fração burguesa associada ao capital externo passa a exercer a hegemonia no interior deste bloco. Este processo se apoiou nas manifestações da alta classe média, classe apoio da burguesia associada, que em grande parte foram capitaneadas pelo MBL. Assim, as medidas levadas a frente durante os governos de Michel Temer (PSDB) e Jair Bolsonaro (eleito pelo PL) aplicaram o pacote de reformas liberalizantes que incluiu a reforma trabalhista (2017), a reforma do Ensino Médio (2017) e a reforma da previdência (2019).

A eleição de Bolsonaro à presidência em 2018, assim como o processo de impeachment, teve seu apoio nas classes médias urbanas, parte desta aliada às pautas dos costumes defendidas pelo neofascismo,¹⁹ e outra parte aliada às posições liberais do ministro da economia Paulo

¹⁷ Este apoio também aparece nas abundantes publicações de artigos de opinião críticos ao governo Dilma e pró-impeachment publicados nos sites do IL, Imil, Instituto Mises Brasil e outros (disponíveis em: <https://www.institutoliberal.org.br/>; <https://institutomillennium.org.br/> e <https://mises.org.br/> respectivamente. Acessos em: 13 abril 2026).

¹⁸ Ver Atlas (2016a, 2016b).

¹⁹ Subscrevemos à categorização do governo Bolsonaro como neofascista, como elaborado por Boito Jr. (2020).

Guedes. Guedes é um dos membros originais do Imil e um dos seus principais articuladores, além de ser um convidado recorrente nas edições do FL, como citado anteriormente. Doutor em economia pela Universidade de Chicago, Guedes foi aluno de Milton Friedman e colega de Winston Ling, fundador do Instituto Liberdade, que posteriormente apresenta Guedes à Bolsonaro, o qual convida então o economista para assumir o ministério da economia de seu governo (VIDAL, LOPEZ, 2022).

A atuação de Ling próximo à Bolsonaro permitiu que Paulo Guedes se tornasse um vaso comunicante entre os think tanks ligados à Atlas no Brasil e o governo Bolsonaro. Além de Guedes, figuram na equipe de Bolsonaro outros indivíduos ligados ao Imil, Instituto Mises Brasil, SFLB, IEE, Instituto Formação de Líderes e outros;²⁰ se concentrando especialmente na pasta da economia (VIDAL, LOPEZ, 2022).

CONCLUSÃO

Por meio da aproximação com think tanks brasileiros, a Atlas Network pode canalizar recursos estatais americanos advindos do NED e do CIPE para estes grupos e institutos, os quais se articulam em espaços acadêmicos, midiáticos e políticos para agir em defesa do ideário neoliberal, o qual inclui a defesa da privatização de serviços e empresas estatais, abertura econômica e flexibilização dos direitos trabalhistas; ações estas que atendem aos interesses do capital externo e da fração burguesa a ele associada. Identificamos duas ondas dos think tanks neoliberais no país: primeiramente, no contexto da redemocratização, entre as décadas de 1980 e 1990, quando houve uma grande expansão dos ILs pelas regiões sul e sudeste do país, assim como o lançamento do FL, que rapidamente se consolidou como um importante divulgador do neoliberalismo e um ponto de encontro estratégico entre think tanks, intelectuais, formadores de opinião e acadêmicos. A segunda onda veio entre as décadas de 2000 e 2010, quando a oposição da burguesia associada crítica aos governos do PT estimulou o surgimento de uma série de novos think tanks neoliberais, que puderam então ocupar rapidamente os espaços digitais para a convocação de adeptos e para a formação de consenso. Quando o compromisso neodesenvolvimentista dos governos PT se viu instável durante o segundo mandato de Dilma Rousseff, institutos e grupos como o Imil, IMB, SFLB e especialmente o MBL agiram

²⁰ Para uma lista completa das ligações entre os think tanks ligados à Atlas e o governo Bolsonaro, consultar o quadro 3 e a figura 2 em Vidal e Lopez (2022, p. 28-29).

ativamente a favor do impeachment de Dilma, seja por meio da crítica às suas políticas em periódicos e eventos promovidos por estes think tanks ou por meio da convocação e organização de protestos contra a então presidente e o seu partido. Em ambas as ondas, a ação da Atlas por meio da oferta de financiamento, mentoria, treinamento e divulgação dos think tanks neoliberais nacionais e de seus representantes foi de crucial importância.

Compreendemos então que a Atlas atua no Brasil como correia de transmissão do imperialismo norte-americano. Por meio da aproximação com a burguesia associada no país, a rede fomenta a criação de think tanks que, influenciando a elaboração de políticas de cunho neoliberal, atendem aos interesses deste capital. A presença de indivíduos ligados a estes think tanks no governo Bolsonaro é sintomática da aliança entre a burguesia associada e o neofascismo, visando dar continuidade ao projeto neoliberal ortodoxo retomado com o governo de Michel Temer. Esta retomada reforça a dependência histórica entre o Brasil e os Estados Unidos, sua metrópole imperialista, dependência esta que historicamente tem levado à erosão de direitos trabalhistas em desfavor às classes trabalhadoras.

REFERÊNCIAS

ARALDI, Lucas. **Na batalha de ideias: objetivos, meios e ações da Atlas Network no Brasil**. 2021. 183 f. Dissertação (mestrado em Estudos Estratégicos Internacionais) – Faculdade de Economia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2021.

ATLAS NETWORK. **Annual Report**: 2016. [s.l.]: Atlas Network, 2016. Disponível em: https://bright-colobus.files.svdcdn.com/production/assets/documents/financials/Atlas_Network_Annual_Report_2016_Final_Digital_051517.pdf?dm=1668472877. Acesso em: 13 abril 2026.

ATLAS NETWORK. **Freedom's Champion**: Summer 2016. Atlas Netowrk [s.l.], 2016. Disponível em: https://bright-colobus.files.svdcdn.com/production/assets/documents/magazines/FCQ2_16.pdf?dm=1668472864. Acesso em: 13 abril 2026.

ATLAS NETWORK. **Mission & Vision**. [ca. 2026]. Disponível em: <https://www.atlasnetwork.org/our-mission>. Acesso em: 14/04/2026.

BOITO Jr., Armando. **Reforma e crise política no Brasil**: os conflitos de classe nos governos do PT. 1. ed. Campinas: Editora Unicamp, 2018.

BOITO Jr., Armando. Por que caracterizar o bolsonarismo como neofascismo. **Crítica marxista**, Campinas, SP, n.50, p.111-119, 2020.

BOLETIM DA LIBERDADE. **Nossa essência é empoderar a próxima geração de líderes da liberdade, diz Fernando Henrique, do SFLB**. 29 janeiro 2017. Disponível em: <https://www.boletimdaliberdade.com.br/2017/01/29/nossa-essencia-e-empoderar-a-proxima-geracao-de-lideres-da-liberdade-diz-fernando-henrique-do-sflb/>. Acesso em: 11 abril 2027.

CARDOSO, Fernando Henrique. Perspectivas políticas para o Brasil na virada do século. **Think Tank**. São Paulo, v. 1, n. 1, p. 11-13, julho 1997.

CÔRREA, Lucas Berlanza. A Escola Austríaca no pensamento de Donald Stewart Jr.. **Mises Journal**, v. 9, n. 1, 13 abril 2021.

CRISTOFOLETTI, Evandro Coggo; SERAFIM, Milena Pavan. Neoliberal student activism in Brazilian higher education. **Learning And Teaching**, v. 15, n. 1, p. 67-91, 1 mar. 2022.

FANG, Lee. Esferas de influência: como os libertários americanos estão reinventando a política latino-americana. **The Intercept**. Rio De Janeiro, 11 agosto 2017. Disponível em: <https://www.intercept.com.br/2017/08/11/esfera-de-influencia-como-os-libertarios-americanos-estao-reinventando-a-politica-latino-americana/>. Acesso em: 12 abril 2026.

FÓRUM DA LIBERDADE. **O Fórum**. 202-. Disponível em: <https://www.forumdaliberdade.com.br/forum>. Acesso em: 07 abril 2026.

GROS, Denise Barbosa. (2003) **Institutos liberais e neoliberalismo no Brasil da Nova República**. Tese de Doutorado. Porto Alegre: Fundação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel Heureser, 2003.

GROS, Denise Barbosa. Institutos liberais, neoliberalismo e políticas públicas na Nova República. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 19, n. 54, p. 143–159, fev. 2004.

HAYEK, Friedrich August Von. Os Intelectuais e o Socialismo. **Mises: Interdisciplinary Journal of Philosophy, Law and Economics**, v. 5, n. 1, p. 109-123, 9 dez. 2017. Interdisciplinary Journal of Philosophy, Law and Economics.

INSTITUTO LIBERAL. **Quem somos**. 202-. Disponível em: <https://www.institutoliberal.org.br/quem-somos/>. Acesso: em 06 abril 2026.

INSTITUTO LIBERAL. **Início**. Disponível em: <https://www.institutoliberal.org.br/>. Acesso em: 15 abril 2026.

INSTITUTO MILLENIUM. **Home**. Disponível em: <https://institutomillennium.org.br/>. Acesso em: 15 abril 2026.

INSTITUTO ORDEM LIVRE. **Liberdade na Estrada**. 2014. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20220121022229/http://ordemlivre.org/lne>. Acesso em: 15 abril 2026.

MACHADO, Eliel. Notas para uma tipologia classista dos “movimentos sociais”. **Crítica Marxista**, Campinas, n. 46, p. 83-102, 2018.

MISES BRASIL. **Home**. Disponível em: <https://mises.org.br/>. Acesso em: 15 abril 2026.

MULLER, Christopher. The institute of economic affairs: undermining the post-war consensus. **Contemporary British History**, v. 10, n. 1, p. 88-110, mar. 1996. Informa UK Limited.

OLIVEIRA, Diego Batista Rodrigues de; MACHADO, Eliel. Vem pra Rua e MBL no contexto do golpe parlamentar no Brasil. **Lutas Sociais**, 23(42), 98–108; 2019.

POULANTZAS, Nicos. **As classes sociais no capitalismo de hoje**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

POULANTZAS, Nicos. **Poder político e classes sociais**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1977.

SAES, Décio Azevedo; FARIAS, Francisco Pereira de. **Reflexões sobre a teoria política do jovem Poulantzas (1968-1974)**. Marília: Lutas anticapital, 2021.

VIDAL, Camila Feix; LOPEZ, Jahde; BRUM, Luan. The Power of Ideas: The Fórum da Liberdade, 1988-2018. **Contexto Internacional**, v. 42, n. 1, p. 55–79, jan. 2020.

VIDAL, Camila Feix; BRUM, Luan Correa. Internacionalização e construção do ideário neoliberal no Brasil: os casos do Instituto Liberal do Rio de Janeiro e Instituto de Estudos Empresariais do Rio Grande do Sul. **Revista de Sociologia e Política**, v. 30, p. e012, 2022.

VIDAL, Camila Feix; LOPEZ, Jahde. (Re) pensando a dependência latino-americana: Atlas Network e institutos parceiros no governo Bolsonaro. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 38, p. e255192, 2022.

CHECKLIST PARA PAPER COMPLETO	
NORMAS	ASSINALAR COM “√” OU “OK”
Logo do 14º SNS&P na primeira página	OK
Texto entre 12 e 15 páginas (excluindo capa e referências)	OK
Formato de papel A4	OK
Margens superior e esquerda: 3 cm; inferior e direita: 2 cm	OK
Fonte Times New Roman, tamanho 12	OK
Recuo de 1,25 cm para a primeira linha de cada parágrafo	OK
Espaço entre linhas de 1,5	OK
Referências conforme normas o “Manual de Normalização de Documentos Científicos de acordo com as normas da ABNT” [UFPR]: < https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/73330 >	OK
Conversão do arquivo em .pdf	OK